



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 15/05/2026 e 21/05/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
15/05/2026	11,77	334,30	73,88	6,35	4,55
18/05/2026	12,13	334,50	75,63	6,64	4,77
19/05/2026	12,09	332,30	75,44	6,67	4,75
20/05/2026	11,99	330,90	74,66	6,60	4,65
21/05/2026	11,94	328,40	73,87	6,47	4,62
Média	11,98	332,08	74,70	6,55	4,67

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	115,00	
RS – Não Me Toque	113,00	
PR – Pato Branco	114,00	
PR – M.C.Rondon	111,00	
MT – C.N.Parecis	100,00	
MS – Maracaju	110,00	
GO - Rio Verde	110,00	
BA – L.E.Magalhães	113,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	65,00	CIF
Porto de Paranaguá	68,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	57,00	
SC – Rio do Sul	58,00	
PR – M.C.Rondon	54,00	
PR – Pato Branco	58,00	
MT – C.N.Parecis	46,00	
MS – Maracaju	51,00	
SP – Itapetininga	62,00	
SP – Campinas	66,00	CIF
GO – Rio Verde	56,00	
GO – Jataí	56,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	65,00	
RS – Não Me Toque	65,00	
PR – Pato Branco	68,00	
PR – M.C.Rondon	68,00	

Período: 20/05/2026

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 21/05/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	58,24	114,96	63,68

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
21/05/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	58,90
Feijão (saco 60 Kg)	158,13
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,24
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,30**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,92

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(**) Referência Março/26, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

A cotação da soja, em Chicago, para o primeiro mês, oscilou ao redor de US\$ 12,00/bushel, após ter atingido a US\$ 11,77 no dia 15 e US\$ 12,13 no dia 18. A continuidade da guerra no Oriente Médio, apesar dos constantes anúncios de uma possível paz, que nunca ocorre, sustentam os preços. Assim, o fechamento desta quinta-feira (21) ficou em US\$ 11,94/bushel, contra US\$ 11,74 uma semana antes.

Estas oscilações continuarão alimentadas pela guerra, enquanto a mesma não chegar a um fim, mas também, a partir de agora, pelo clima nos EUA em função da nova safra de soja naquele país.

Neste sentido, até o dia 17/05 o plantio da nova safra de soja estadunidense atingia a 67% da área esperada, contra a média histórica de 53% para esta data. Registre-se que este plantio está avançando rapidamente. Por sua vez, na data indicada 32% das lavouras da oleaginosa já haviam germinado, contra 23% na média.

Dito isso, a Índia informou que suas exportações de farelo de soja devem recuar 50% no corrente ano, sendo este o nível mais baixo dos últimos quatro anos, depois que os preços locais subiram 47% em abril. Houve perda de competitividade perante os concorrentes internacionais, em particular Argentina, EUA e Brasil. Compradores asiáticos, que normalmente se abastecem na Índia, tendem a buscar o farelo nas Américas. Para se ter uma ideia desta perda de competitividade, “o farelo de soja indiano está sendo oferecido por cerca de US\$ 680,00/tonelada FOB para embarques em junho, contra US\$ 430,00 oferecidos pelos fornecedores sul-americanos”. Assim, as exportações da Índia tendem a recuar para cerca de 900.000 toneladas no ano comercial de 2025/26, que termina em setembro naquele país, abaixo dos 2,02 milhões de toneladas do ano passado. “A Índia é o maior importador de óleo vegetal do mundo, mas tem um excedente de farelo de soja, que envia para países asiáticos e europeus, como Bangladesh, Nepal, Alemanha e Holanda, onde normalmente obtém um prêmio por ser produzido a partir de sementes de soja não geneticamente modificadas. O país do sul da Ásia importa a maior parte de sua necessidade de óleo de palma da Indonésia e da Malásia, enquanto o óleo de soja e o óleo de girassol são provenientes principalmente da Argentina, do Brasil, da Rússia e da Ucrânia” (cf. Reuters).

E no Brasil, com um câmbio ao redor de R\$ 5,00 por dólar nesta semana, os preços da soja pouco mudaram. As principais praças gaúchas praticaram valores entre R\$ 113,00 e R\$ 115,00/saco, enquanto no restante do país os valores oscilaram entre R\$ 100,00 e R\$ 114,00/saco.

O recente relatório da Conab, anunciado dia 14/05, apontou que a colheita final brasileira de soja, em 2025/26, teria sido de 180,1 milhões de toneladas, contra 171,5 milhões no ano anterior. O Rio Grande do Sul teria alcançado 18,6 milhões de toneladas, após uma expectativa inicial de até 22 milhões, porém, assim mesmo acima do colhido no ano anterior que foi de 16,6 milhões de toneladas. A área total semeada no país foi de 48,7 milhões de hectares e a produtividade média alcançou 3.698 quilos/hectare (61,6 sacos/ha), enquanto o Rio Grande do Sul alcançou a 2.769 quilos (46,2 sacos/ha). Ou seja, em função da estiagem, a produtividade média gaúcha ficou 25% abaixo da registrada no país.

Dito isso, a próxima safra de soja nacional, do ano de 2026/27, cujo plantio inicia em setembro, deve ter o menor crescimento de área semeada em 20 anos. Com isso, a área total aumentará em apenas 400.000 hectares. Duas causas estariam na origem desta realidade: margens apertadas por parte dos produtores; alta no custo de produção, especialmente dos fertilizantes. Por sua vez, se continuar neste ritmo, os biocombustíveis poderão ser a principal alavanca do crescimento da produção de soja e milho no país, talvez desbancando as exportações (cf. Consultoria Veeries). A questão central, se isso vier a ocorrer (nos parece cedo para isso) é o que fazer com o farelo, especialmente no caso da soja, pois de cada grão moído tem-se, em média, 18,5% de óleo e 78% de farelo. Existem projeções de que a área plantada de soja no Brasil, em cinco anos, atinja a 54,6 milhões de hectares, com a produção brasileira passando das atuais 180 milhões de toneladas para 210 milhões de toneladas, enquanto a área de milho, no mesmo período, chegaria a 27 milhões de hectares, com a produção total saltando dos atuais 140 milhões para 185 milhões de toneladas. Não é impossível, porém, consideramos bastante ousadas tais projeções, levando-se em consideração os custos de crédito e de produção em geral, além das mudanças climáticas que vêm surgindo.

Enfim, segundo a Anec, as exportações de soja brasileira, em maio, deverão atingir a 16,1 milhões de toneladas, se aproximando do recorde de 16,2 milhões ocorrido em abril. Já a exportação de farelo tende a chegar a 2,78 milhões de toneladas em maio, continuando a ser um recorde apesar do recuo em relação à última estimativa.

MERCADO DO MILHO

O milho, em Chicago, reagiu nesta semana, com o bushel, para o primeiro mês, atingindo a US\$ 4,77 no dia 18, sendo esta a melhor cotação desde o dia 25 de abril de 2025. Na sequência da semana, a cotação cedeu e o fechamento desta quinta-feira (21) ficou em US\$ 4,62/bushel, mesmo assim acima dos US\$ 4,51 de uma semana antes.

Dito isso, o plantio do milho nos EUA atingiu, no dia 17/05, a 76% da área esperada, contra 70% na média. Do total semeado, 39% estava germinado, contra 37% na média.

E aqui no Brasil os preços se mantiveram relativamente estáveis. No Rio Grande do Sul as principais praças continuaram praticando R\$ 57,00/saco, enquanto no restante do país os valores oscilaram entre R\$ 46,00 e R\$ 62,00/saco.

Apesar de alguma melhoria nos preços em determinadas regiões, os mesmos ainda estão distantes de compensarem os custos de produção totais na maioria das praças nacionais.

Ao mesmo tempo, em seu último relatório, a Conab indicou uma redução de um milhão de toneladas na expectativa de produção para este ano (140,2 milhões contra 141,2 milhões de toneladas no ano passado). Mesmo assim, a produção nacional será muito importante, levando os compradores a ficarem na retranca, esperando preços mais baixos assim que a safrinha entrar forte no mercado, a partir de julho. Segundo o órgão público, a área total semeada com milho, em 2025/26, atingiria a 22,6 milhões de hectares, contra 21,8 milhões no ano anterior. A produtividade média brasileira

chegaria a 6.214 quilos/hectare (103,6 sacos/ha). O maior incremento foi na safra de verão, com aumento de 14,1% sobre o ano anterior, ao atingir a 28,5 milhões de toneladas. Já a segunda safra alcançaria 108,4 milhões de toneladas, superando muitas estimativas privadas, porém, 4,2% menor do que as 113,2 milhões alcançadas no ano anterior. E a terceira safra chegaria a 3,25 milhões de toneladas, com crescimento de 8,7% sobre o colhido no ano anterior.

Enfim, é de se registrar o forte avanço da produção de milho, no país, nos últimos 50 anos. Para se ter uma ideia, na “década de 1970, o Brasil registrava produtividades médias, para o milho, na casa dos 30 sacos por hectare. Hoje, esse patamar já está em 200 sacos/ha em muitos casos. Ao longo das últimas décadas, o país saltou 500% em produção, tendo aumentado apenas 80% em área semeada. São cerca de 2 milhões de produtores no Brasil que cultivam o cereal. Já o crescimento do etanol de milho tem sido e continuará sendo fundamental para fomentar o cultivo. Para as regiões que fazem duas safras do cereal, o mesmo dilui o custo fixo da propriedade e traz mais viabilidade para o negócio. Porém, para a nova safra 2026/27, os desafios são enormes, começando com o aumento no custo de produção, passando pelas indefinições vindas da guerra no Oriente Médio, do que virá nas eleições presidenciais brasileiras de outubro, e terminando com as fortes oscilações climáticas. Há muita dificuldade em relação ao Plano Safra que, segundo o setor. De fato, hoje menos de 20% do financiamento para o milho vem de custeio do Tesouro Nacional. Soma-se a isso o forte endividamento dos produtores em geral, sendo que um terço do mesmo é com os bancos. Estes agentes financeiros até tem dinheiro para emprestar, porém, o juro cobrado de 18%, em diversas regiões do país, é um suicídio financeiro (Cf. Abramilho e Aprosoja/MT).

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, em Chicago, após ensaiar um recuo no dia 15, quando o primeiro mês cotado fechou em US\$ 6,35/bushel, voltou a subir no restante dos dias, batendo em US\$ 6,67 no dia 19 (uma das mais altas cotações desde maio de 2024). Entretanto, na sequência houve novas baixas e o fechamento da quinta-feira (21) acabou ficando em US\$ 6,47/bushel, o mesmo valor de uma semana antes.

Dito isso, nos EUA, no dia 17/05 as condições das lavouras de trigo de inverno se apresentavam com 43% entre ruins a muito ruins, 30% regulares e 27% entre boas a excelentes. Já o trigo de primavera, na mesma data, havia sido plantado em 73% da área esperada, contra 66% na média histórica. Do total semeado, 39% havia germinado, contra 34% na média histórica.

O mercado externo reage à continuidade da guerra no Oriente Médio e ao relatório do USDA de oferta e demanda, anunciado no dia 12/05, que projetou a menor safra estadunidense de trigo desde 1972. Além disso, operadores acompanham a competitividade do trigo do Mar Negro e das regiões europeias.

Nos EUA houve seca importante que atingiu as plantações de trigo naquele país, onde os agricultores cultivam o trigo vermelho duro de inverno usado para fazer pão.

E aqui no Brasil, os preços continuam melhorando lentamente. Nas principais praças gaúchas o saco de 60 quilos foi cotado a R\$ 65,00 na média da semana, enquanto no Paraná o mesmo ficou em R\$ 68,00.

De forma geral, o mercado nacional segue travado, atento ao plantio da nova safra e preocupado com a concreta possibilidade de que o país colha bem menos trigo no final do ano (a colheita começa pelo Paraná a partir de setembro). A tendência de preços mais elevados no final do ano e início de 2027 é bastante clara, especialmente se houver uma desvalorização do Real a partir da proximidade das eleições de outubro, fato que irá encarecer o produto importado. Vale ainda lembrar que a oferta interna de trigo de qualidade superior é, hoje, bastante pequena, além de grandes indefinições quanto ao comportamento climático durante o ciclo produtivo do cereal, na medida em que, cada vez mais, se fala em um super-El Niño para os próximos meses (neste último caso, é preciso muita cautela, pois as informações meteorológicas ainda não são definitivas).

Assim, no curto prazo, o “mercado de trigo no Sul do país segue marcado por oferta restrita de produto de qualidade, preços firmes e negociações pontuais entre moinhos e vendedores. No Rio Grande do Sul, os moinhos continuam em busca de trigo de melhor qualidade, produto que não está fácil de encontrar. Para lotes considerados bons, os preços chegaram a R\$ 1.500,00 por tonelada CIF, com pagamento em 45 dias, embora esse valor tenha sido apontado como o máximo negociado na semana, e não como uma referência ampla de mercado. A avaliação é que, diante da dúvida sobre parte do trigo argentino, alguns compradores preferem pagar mais por um produto nacional com qualidade mais garantida. Também houve aumento na procura por trigo branqueador, com bons volumes negociados. As coberturas de maio estão completas, enquanto junho é estimado em 50% coberto. Na safra nova, foram ouvidas referências pontuais de R\$ 1.250,00/tonelada CIF porto e R\$ 1.100,00 no interior, mas sem aceitação dos vendedores. Em Santa Catarina, o mercado segue como o mais estável da região Sul, recebendo ofertas do próprio estado, do Rio Grande do Sul e do Paraná. O trigo catarinense subiu para o mínimo de R\$ 1.350,00 por tonelada FOB, enquanto ofertas paranaenses ficaram entre R\$ 1.320,00 e R\$ 1.350,00/tonelada, e o trigo gaúcho entre R\$ 1.350,00 e R\$ 1.400,00/tonelada. E no Paraná, o mercado permanece firme, mas lento. Os negócios da semana variaram de R\$ 1.330,00 a R\$ 1.400,00/tonelada FOB, com embarques entre maio e julho. As novas ideias de venda chegaram a R\$ 1.400,00 e R\$ 1.500,00/tonelada FOB, enquanto há comprador a R\$ 1.450,00/tonelada, no moinho, para junho” (TF Agrônômica).

Enfim, nos três primeiros meses do corrente ano o Brasil já exportou 1,054 milhão de toneladas de trigo, a um valor médio de US\$ 225,43/tonelada. Deste total exportado, 87,9% foi de trigo gaúcho. Os principais compradores de nosso trigo foram o Vietnã, com 257.353 toneladas; Quênia, com 141.616 toneladas; Arábia Saudita, com 138.802 toneladas; Nigéria, com 117.480 toneladas; e Bangladesh, com 111.430 toneladas. Lembrando que, enquanto importamos grandes quantidades de trigo de qualidade superior, nos tornamos exportadores do cereal de qualidade inferior, resultante das constantes frustrações de safra que o Sul do país vem registrando.